

A TESOURA DE GUIMARÃES.

PERIODICO POLITICO, INSTRUCTIVO E NOTICIOSO.

Redactor principal José Ignacio d'Abreu Vieira.

<p>ASSIGNATURA. (Sem estampilha.)</p> <p>Por anno..... 2\$40 « Semestre.... 1\$3 0 « Trimestre.... \$720</p>	<p><i>Publica-se todas as terças, e sextas feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados. Assigna-se, e vende-se no escriptorio da redacção rua Nova do Muro n.º 48. Preço de cada numero avulso 4) rs. No mesmo escriptorio se recebem os annuncios, que deverão ser pagos a 3) rs. por linha, repetição 2) rs. As correspondencias serão dirigidas ao redactor principal deste Periodico, que as receberá vindo francas de porte, e as publicará, querendo, vindo legalmente reconhecidas por tabellião desta comarca, mediante o preço de 3) rs. por linha. e não contendo materias em opposição ao nosso programma.</i></p>	<p>ASSIGNATURA. (Com estampilha)</p> <p>Por anno..... 2\$930 « Semestre.... 1\$560 « Trimestre.... \$850</p>
--	---	--

GUIMARÃES 2 DE NOVEMBRO.

Está terminada a questão com a França. Acabaram-se as esperanças dos mãos portuguezes, da forma que nós o havíamos annunciado. Essas soberbas náos, sobre as quaes estavam montadas 172 peças; essas soberbas e espaçosas náos, que continham dentro em seus bojos mil e cincoenta cavallos, e dezoito mil soldados de desembarque, parte dos quaes já se achavam senhores dos mais importantes pontos de Lisboa, desapareceram, levadas para fóra do Tejo pelas suas maquinas de vapor, cuja força igualava a de 1050 cavallos, e com ellas desapareceram essas 1,800, e não 18,000, praças, que as guarneciam, sem outro resultado mais do que levarem consigo uma barca empregada no trafico da escravatura, que os portuguezes lhes tinham apresado nas costas de Moçambique, e terem de levar alguns centos de mil francos pagos á custa dos bons, e dos mãos portuguezes! De resto o Senhor D. Pedro V. ali ficou sendo o Rei de Portugal, e as côrtes ahí vão reunir-se no dia 4 deste mez, em cumprimento d'um artigo da Carta, legalmente reformado.

Não lhes dissemos nós, no n.º 212, que se deixassem de náos, e appellassem antes para as irmãs da charidade, e frades lazaristas, por onde o negocio lhes correria um pouco melhor? — Por tão pequeno gozo, não valia a pena de tirar as mascarar com tanta antecipação, frustrando um plano, que lhes apresentava mais solidas bases.

D'aqui em diante já não haverá illudidos; todos devem saber, o que quer o Parlamento, a Nação, o Povo, e o Bem Publico quando clamam pela vinda de senhoras, e frades francezes; quando instam para que se lhes entregue o ensino da infancia, e mocidade portugueza; quando inventam calumnias para provocar as iras d'uma nação poderosissima contra o fraco, o pequenino Portugal!

Elles não querem irmãs de caridade. Irmãs da charidade temos nós cá. Elles não querem frades. Frades temos nós ainda. Querem mestras francezas, confessores francezes, portuguezinhos francezinhos, rei afrancezado, constituição franceza, e tudo francez antes, do que um rei legitimo, ou liberal.

Acabaram-se as illusões; assim o cremos.

O genio portuguez dormente espertou

com a trilhadura; o brio nacional desenvolve-se prodigiosamente; ninguém se envergonha da sua pequenez, e da incuria do governo; poucos renegarão o nome de portuguez.

As reuniões promovem-se com energia

Uns querem pagar o arbitramento da França com donativos dos patriotas. Outros querem promover a instrução do sexo fememino, com fundos propriamente seus, sem que estrangeiros tomem parte nesta utilissima medida. Outros repellem tudo quanto for producto de industria franceza; e, geralmente fallando, todos querem dar um testemunho de seu resentimento pela violencia contra nós praticada, sem se recordarem, ou os intimidar a tomada de Malakoff. Os que estão costumados a escalar Badajoz, e S. Sebastião de Biscaia não tem em grande conta a tomada de Malakoff.

Não queremos com estas palavras fazer pouco da nação franceza. Como queremos nós fazer pequeno, o que todo o mundo reconhece por grande?! — Queremos unicamente recordar á França Imperial, que o pequeno reino de Portugal, não é tão desprezível, como ella o faz; queremos mostrar á magnanima nação franceza, que se o governo imperial não é a França, também o governo portuguez em 1858 não é Portugal; queremos em fim, recordar aos degenerados portuguezes, que Portugal em todos os tempos tem tido traidores, de que em todos os tempos tem zombado o caracter portuguez, tão distincto por seu apêgo á verdadeira religião, aos seus legitimos imperantes, e á sua independencia e liberdade.

J. I. d'Abreu Vieira.

Discurso do sr. Pereira de Carvalho d'Abreu

(Continuado dos n.ºs antecedentes.)

Sr. presidente, v. ex.ª sabe muito bem que concluida a votação, se vasam as listas sobre a mesa, contam-se, e depois de contadas recolhem-se outra vez na urna para d'ahi se irem extrahindo, e entregando alternada e successivamente aos escrutinadores. Passam pois por tres diferentes confusões antes de serem apuradas. E depois d'isto, como se pode conceber que ellas sahisses na ordem por que se diz?

E note mais v. ex.ª, que n'esta eleição o numero das listas não confere com o das descargas; rasão para que não houvesse uma só contagem, mas pelo menos duas; porque não era natural que a mesa eleitoral quizesse consi-

gnar esta differença sem que estivesse bem certa de que se dava, e procedesse por isso a nova contagem, para verificar se de feito existia ou não; e por conseguinte mais misturadas e baralhadas deviam ficar as listas.

E coincidindo o facto da enormissima desproporção do apuramento do primeiro dia com o do segundo com o outro, da recusa que a mesa eleitoral fez no primeiro dia da eleição de aceitar um cofre que alguns cidadãos, suspeitando já da fraude que se tramava, lhe offerciam, para dentro d'elle se fecharem as listas, como tudo custa da acta; podê algum ficar em duvida do viciamento d'esta eleição?

Para evidenciar mais as fraudes, falsificações e nullidades das eleições a que tenho alludido apresentarei finalmente ainda outra consideração: é o consenso unanime dos portadores das actas na assemblea de apuramento, o silencio, a mudez, e por consequencia a confissão tacita dos portadores das actas das eleições que ahí se arguïram de viciadas, falsificadas e nullas; o silencio, a mudez, o reconhecimento dos proprios membros das mezaz accusadas de falsificadoras e viciadoras. Se as fraudes e falsificações não fossem verdadeiras, deixariam elles correr a accusação á revelia, sem nem sequer fazerem um protesto?

Para desvanecer a força d'este argumento, alcinhou-se aqui de parcial a mesa da assemblea do apuramento, e disse-se = que ella exorbitára, decidindo de nullidades, protestando, e recebendo protestos =

Sr. presidente, esta lamuria e gritaria contra a mesa da assemblea do apuramento é sem rasão.

A mesa deu conta das fraudes, vicios, falsificações e nullidades que achou nas eleições de diferentes assembleas; mas não as julgou. E não podia a mesa mencionar o que encontrou? Podia e devia fazel-o; porque se o não fizesse, tornava-se cúmplice nos vicios e falsificações, e podia mesmo recahir sobre ella a suspeita de haver commettido esses vicios e falsificações.

Accusa-se a mesa de ter feito um protesto: mas onde está elle?

Apparece é verdade, no processo eleitoral um protesto de alguns vogaes da mesa, mas esse protesto é feito por elles na qualidade de eleitores, e não como membros da mesa.

Increpa-se a mesa por ter recebido um protesto: e que lei ha que inhíba a mesa da assemblea de apuramento de receber protestos? Nenhuma. Ao contrario o artigo 103 do decreto eleitoral citado, dispondo que á junta preparatoria d'esta camara pertence a decisão definitiva das duvidas e reclamações, que se tiverem suscitado nas assembleas primarias ou de apuramento virtualmente o permite e auctorise.

O que me maravilhou foi ouvir ao meu illustre amigo o sr. Alves Vicente um apoiado, quando o distincto relator da commissão disse que a mesa da assemblea de apuramento exorbitara por tal motivo. Não se recordará já o meu illustre amigo de que correndo s. ex.ª á assemblea de apuramento do circulo de Braga em 1856 como portador de actas, e concorrendo eu ahí na mesma qualidade, suscitando-se questão so-

bre se um protesto contra a eleição do meu apreciado amigo o sr. Francisco Hilario Ribeiro de Souza e Brito devia ou não receber-se para ser appendido á acta, s. ex.^a votou pela recepção? Então era hontem justo e legal o que hoje é injusto e illegal, quando ainda vigora a mesma lei? Que direito, que jurisprudencia e esta?

Pelas razões que tenho adduzido, e pelas que expendeu o meu bom amigo o sr. Affonso de Castro, parece-me que fica completamente demonstrado, que as eleições das assembleas de Penedono, Moimenta do Ouro, Tevões, Leonil Moimenta da Beira e Tarouca estão viciadas, falsificadas e radicalmente nullas. Estas eleições influem no resultado da eleição de todos os candidatos: e por isso é consequencia declarar nulla toda a eleição do circulo de Lamego, mandando-se proceder a outra, em que a lei seja cumprida e acatada, e o voto do povo não seja viciado e defraudado.

Mas sobre a procedencia d'esta conclusão, tenho ainda que responder a algumas observações, que em contrario se fizeram, e será essa a ultima parte do meu discurso.

Disse o pobre relator da commissão, que se nós faziamos caso dos vícios e nullidades, em que laborava a eleição de Lamego, então não approvavamos eleição alguma.

[Continúa]

INTERIOR.

Lisboa 26.

Consummatum est! — Acabou hoje a pendencia com o governo francez, a propósito da barca *Charles-George*. Venceu o direito da força, mas fica ainda do nosso lado a força do direito.

O governo mandou entregar hoje á pessoa designada pelo ministro francez, o navio que era objecto da pendencia, e amanhã, deverá sahir do Tejo, juntamente com os navios de guerra que aqui vieram para apoiar as requisições do governo do imperador Napoleão.

A indemenisação foi fixada, ao que parece, em quinhentos mil francos, porque o nosso governo recusou a mediação que se propunha para resolver este ponto, cedendo n'elle como cedera no outro em que mais interessava a honra nacional.

Diz-se que se lavrará um protesto, perante as nações da Europa, contra este acto de violencia. Não se sabe ao certo se o governo retira o cruzeiro d'Africa, como se tinha annuciado.

— *Meeting.* — Consta que no domingo proximo se deve reunir no Passeio Publico um formidavel *meeting*, presidido pelo O' Donnell d'este cantinho da Peninsula, conhecido no publico pelos nomes de *Hermenegildo do pão*, ou *Hermenegildo da fome*.

O fim da reunião, que se apresenta como devendo ser mui concorrida, é, segundo nos informam *pedir a reunião ibérica!*

As vantagens d'esta reunião, na occasião presente, parece que se acham apontadas mui circunstanciadamente, n'um manifesto, redigido pelo mencionado Hermenegildo que por sobrenome não perea, e que ha de ser lido em voz alta aos concorrentes, e depois distribuido em grande numero de exemplares que se mandaram imprimir.

Prevenimos, não a policia, porque a causa tem grande importancia; mas o dr. Pulido. Em Bilhafolles deve haver devolu-

to uma cella, para este Hermenegildo, que como Alcebiades pretende cortar o rabo ao seu caosinho.

(*Jornal Mercantil*)

Idem 27.

NOTICIA IMPORTANTE.

Consta-nos que vai celebrar-se uma grande reunião, cujo objecto, se bem nos informam, é eminentemente nacional. Trata-se de formar uma associação para arranjar fundos destinados á creação de escolas e institutos para a instrucção e educação de sexo feminino. Mas estas escolas e institutos serão exclusivamente portuguezes, regidos por mestras portuguezas, administrados e superintendidos por portuguezes, subordinados exclusivamente ás autoridades portuguezas.

Sandamos este pensamento patriótico, que não podia nascer em circumstancias mais apropriadas do que as actuaes. E desde já vaticinamos á reunião que se intenta, e á associação d'ella hade resultar, o melhor successo.

— *O ultimo acto.* — Hontem ao meio dia, as forças navaes francezas, que vieram a Lisboa para apoiar as exigencias das Tulherias pelo aprisionamento da barca *Charles-Georges*, deixaram o Tejo.

A violação dos tratados, a rotura de convenções, que até aqui eram monumentos de civilisação e progresso, de humanidade, estão pois consummadas. Venceu a força e succumbiu o direito.

A espada volta a ser a razão das razões, o argumento dos argumentos. Temos na artilheria o arbitro de todos os litigios internacionaes, a ultima razão de todas as questões de direito. Fechem-se pois as universidades, e façamos convergir todos os esforços, todos os sacrificios, para os arsenaes e academias militares.

Assistimos impassiveis, mas não indifferentes, ao soçobrar dos tratados, ao anniquilamento das convenções. Com a lei na mão, esudados pelo direito, apoiados pela razão fomos até aonde era humanamente possivel ir. Mais longe seria loucura, ou erro imperdoavel.

O dia de hontem apresentou-se triste. A atmosfera quiz acompanhar na dor que sentimos de vermos os primeiros aguaceiros da borrasca que ameaça as aspirações generosas da época, e thes prognostica a anniquilação. O sol, o bello sol d'este abençoado torrão, não appareceu em quanto os canhões protectores do mais iniquo dos traficos não se distanciaram das aguas do Tejo. Então rompeu as nuvens, mas triste, como o deve ser perante o seculo a scena que veia allumiar.

As alturas que dominam o rio, as suas margens, as cobertas dos navios nacionaes desde pela manhã reuniam espectadores que, indignados, mas com o socego e a gravidade que as circumstancias exigiam, esperavam tranquillos o triste epilogo de uma historia de torpezas.

As 11 horas um dos dois vapores francezes largou do encoradouro, e, como batedor do cortejo, dirigiu-se para a foz do rio. Pouco depois o outro, dando uma espiã ao navio negreiro, o rebocou seguin-

do a mesma direcção. Como guarda de honra, as duas naus, «*Donaverth* e *Austerlitz*» com os seus 1,800 homens de guarnição, fecharam o cortejo, que se dirigiu socega-damente para a barra.

Está pois livre o Tejo da pressão franceza. A armada retirou-se, a questão acabou.

Acabaria tambem a intriga que noz quer entregar de braços atados ao despotismo da sotaina, apoiada hoje pelo exercito mais illustrado da Europa civilizada? Ou será o espectáculo de hontem o pretexto, o proemio de novas complicações?

Vel-o-hemos.

(*J. do Commercio.*)

Idem 28.

— *Me dear.* — Chegou hontem a noticia telegraphica, de terem havido duos grandes *meetings* em Londres, por causa do gabinete inglez ter deixado enxovalhar a sua bandeira no Tejo; o governo inglez parece que se vê um pouco torturado, pois a opinião geral da nação tem-se desenvolvido contra elle, pelo facto de não ter tomado a opposição que devera, na questão da presa «*Charles et George.*»

No domingo vai haver uma reunião dos artistas portuguezes, que terá por fim não comprarem objecto algum aos francezes, e aperfeiçoarem-se nas suas artes, para obter que todos os portuguezes verdadeiramente patriotas comprem aos nacionaes, os generos que até aqui compravam em quantidade aos francezes — Este é o meio de tomarmos a maior vingança da afronta que recebemos d'elles.

— *Cada uma por sua vez.* — Segundo diz a «*Nação*» ha um conflicto pendente entre a França e o Brasil, querendo a primeira que no Brasil governe a lei franceza! pela constituição brazileira os filhos de estrangeiros nascidos no Brasil são cidadãos brasileiros — Em Pernambuco morreu um commerciante francez, deixando filhos menores nascidos alli — O consul francez mandou pôr os sellos do consulado nos lens que achavam na casa mortuaria — A auctoridade local oppoz-se, o consul teimou, porem a auctoridade brazileira mandou arrancar os sellos — O consul francez abaixou as armas do consulado, e pediu instrucções ao seu governo,

(*Porto e Carta*)

— *Pasquins.* — Appareceram esta manhã affixados pelas esquinas, nas ruas do Passadiço, do Corrião, travessa Larga, e outras no sitio de S. José, alguns pasquins que foram pouco a pouco arrancados pela auctoridade policial.

Temos em nosso poder o original d'um destes pasquins, arrancado da esquina da rua da Fé. É manuscrito de letra gorda, em papel almaço ordinario, com a marca da fabrica de Ovar, em letras d'agua, e diz o seguinte:

— PORTUGUEZES —

«*A'lerta!!! Sustentai o vosso decoro e honra nacional, olhai que esses Padres chamados Lazaristas são Jesuitas disfarçados, e acabamos de soffrer uma desfeita, e aviltamento, lembrai-vos dos nossos ascendentes, e do seu nobre proceder.*»

(*Jornal Mercantil.*)

Porto 30. *NOTIZIAS*

POR MAR E POR TERRA.

No Tejo teve lugar o desenlace d'essa vergonhosa pendencia do navio negreiro, e aqui no theatro de S. João, tambem vimos no domingo passado um luvreiro gascão querer impor seu *ultimatum* á plateia. Agora vamos referir outro caso original que acaba de se passar.

A filha da snr.^a viuva Buisson requereu ser depositada para casar e hontem, pelo meio dia hindo o snr. juiz Pereira Leite proceder a esta diligencia, não o deixou passar da loja a snr.^a viuva allegando ser franceza. O juiz mandou lavrar d'isto auto e como por encanto surgiu o consul que lhe não reconheceu auctoridade, e até se oppoz a que alli se lavrasse auto algum!! O juiz tomou o partido de se retirar.

Depois do imperador e mr. Waleuski, tinham de vir o luvreiro Pierre e mr. Clavel; é a fabula do leão moribundo.

Faremos rapidamente algumas apreciações ao procedimento do juiz. Um magistrado não deve proceder de leve, ter a energia necessaria para se fazer respeitar e nunca deixar desacatar a auctoridade de que se acha revestido. Por isso n'esta questão não pode o juiz ser absolvido pela auctoridade superior.

Os Francezes tem de respeitar a lei como os outros, e faria rir se elles não reconhecessem outra auctoridade que fosse a do seu consul.

Podia o juiz ir ou não a casa de um francez?

Se não podia, fez mal em lá ir; se tinha poder para tal devia começar por prender a snr.^a viuva, o consul e todos quantos resistissem á lei.

Assim de certo que não salvou a honra nacional.

(*Commercio do Porto*)

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

— *Sardenha*. — O irmão mais novo do conde de Paris, o duque de Chartes deseja alistar-se nas fileiras do exercito sardo. O governo da Sardenha julgou dever consultar primeiro a opinião do imperador, e respondeu-lhe que esta era de que levaria a mal que o conde de Cavour accedesse aos desejos do joven príncipe. á vista d'isto é provavel que figure em breve nas fileiras do exercito sardo o filho do duque de Orleans, irmão do unico pertendente que pode um dia inspirar sérios temores á familia imperial.

(*O Parlamento*.)

Luiz Napolião, e a sua gente.

«Os padres jesuitas reuniram-se em grande numero para receberem a visita, e em logar de fazerem aos augustos viajantes os *speechs* do ceremonial, lançaram-se-lhes aos pés, e beijaram-lhes as mãos. A imperatriz quando ajoelhou na almofada que lhe fora preparada junto ao altar-mór, cahiram-lhe lagrimas de prazer e gratidão, vendô que os jesuitas a tinham recebido,

e a seu esposo, como amados irmãos de tão boa familia.

«Depois das orações, SS. MM. foram conduzidos á santa casa de Sancto Ignacio de Loyola, onde examinaram os objectos mais notaveis, que lhes mostraram os representantes das doutrinas d'aquelle santo.

«Antes de SS. MM. se despedirem, acceitaram uma collação, que lhes foi offerecida pelos reverendos padres.»

(*L'Univers, no Daily News.*)

CHINA.

Temos noticias de Macau que alcançam a 22 de Agosto.

O incendio e quasi destruição da cidade de Nantow que foi tomada d'assalto pelos inglezes no dia 11, teve por assumpto represalias pelos insultos feitos aos parlamentos inglezes. A expedição ingleza compunha-se de varias canhoneiras, e 680 homens commandados pelo major general Strambene e o comodoro Stewar.

En Cantão continuava o mesmo estado de coisas. Os mandarins So-kong e Soug que tinham espalhado proclamações incendiarias contra os europeus, tinham sido chamados pelo vice-rei de Cantão, para procurar meios de restabelecer a paz, ainda que se suspeite que havia sido unicamente para lhes pedir conta da sua conducta.

As forças que se achavam em Peisho, vão chegando a Shanghai e Nonkong.

O almirante inglez chegou a este porto a 19 d'Agosto, com sezões.

Vão voltando para Macau os chins emigrados que haviam abandonado os seus logares.

— *Cochinchina*. — As perseguições contra os missionarios redobram na Cochinchina. O successor do illustre Diar, foi preso pelos barbaros e receiam que a estas horas tenha já soffrido o martyrio.

As ultimas noticias não fallam da chegada do almirante Rigault de Genovilly, ainda que o esperavam a todo o momento. Julga-se que a sua presença porá termo a estas perseguições.

VARIÉDADES.

— *Leiam e pasmem*. — Hontem ao entrarmos para a nossa repartição no ministerio das obras publicas, deparamos sentados junto á porta do gabinete do snr. visconde da Luz com um individuo mal trajado, uma mulher e duas raparigas, mostrando terem de idade, uma 12 a 13 annos, e outra 8 a 9.

O aspecto destas quatro creaturas era lastimavel! Tinham nos seus rostos impressa a fome, o penar, e o martyrio pintado com as cores mais verdadeiras.

Admirados e até compungidos por aquelle quadro, perguntamos:

«Quem é esta gente?» E responderam-nos:

«São escravos brancos que fugiram da sua escravidão, e sem arrimo algum; querem supplicar ao snr. visconde da Luz, que interpondo o seu valimento os mande para a sua terra, a Ilha Graciosa, pelo amor de Deos, visto não terem senão fome, e febres.

Doem-nos tanto o coração, que começamos a interrogar o cadaverico e desgraçado colono;

«Como se chama você?»

«José Victorino Torres. Esta é minha mulher e as minhas duas filhinhas: estamos doentes, muito doentes... viemos fugidos do Maranhão de 80 leguas para dentro do sertão; porque fomos enganados e lá eramos escravos!!!

Prosequimos:

«De que terra é?»

«Da ilha Graciosa: e tinhamos lá umas terraszinhas, com que nos iam remediar, se não aquelle...

«Aquelle quem? O homem que os desinquietau, e illudiu inhumanamente?»

«Sim, meu senhor.

«E como se chamava esse vil contratado de carne humana?»

«Antonio Correa de Mendonça e Bitencourt.

«Que qualidade de homem é?»

«Era filho lá da Ilha Graciosa: n'um dia, disse-me se eu queria ganhar muito dinheiro, que me levava para o Maranhão, dizendo-me ser uma terra muito saudavel e que no caso de lá me dar mal, me mandava a a minha triste familia pôr outra vez na ilha: — Mas mal lá chegamos, adoecemos todos, mettem-nos então dentro d'um casarão, aonde estayam doentes e cobertos de miseria 150 brancos, que morriam ao desamparo, e que foram levados para lá tambem com falsas promessas pelo tal.

«Pelo tal infame, temos percebido. Mas em que trabalhavam lá?»

«Na roça.

«Eram bem tratados?»

«Nem comer nos dava o impio.

«De que se sustentavam então?»

«De esmolas que os de bom coração nos davam.

«Pois ainda ha bons corações por lá... n'uma roça?! ..

«Olhe, quer o snr. saber: o dito Bitencourt vendeu ha pouco dez *casacs* de brancos por 2,500\$000!!!

«E a vocês então não davam coisa alguma.

«O que elle nos dava era a prisão continuada, e este bilhete para irmos trabalhar e lhe darmos o dinheiro — veja o senhor.

E tirando da algibeira um bocado de papel lemos o seguinte:

«Concedo licença a José Victorino Torres para se poder contractar com qualquer pessoa que querendo admittil-o ao seu serviço pague a quantia de que elle é devedor a Antonio Correa de Mendonça Bitencourt como empresario da colonia de Santa Thereza. Valerá por oito dias — Bittina 2 de Setembro de 1856.

E lá foram os desgraçados para o ministerio do reino por ser este o competente, para serem ouvidos.

Vejam que moralidade! — Mal haja a raça de homens-feras que, sem religião nem coração, assim matam lentamente os seus irmãos!!!

Pedimos providencias para este infame trafico, se é que podemos pôr cobro e temos direito a ir contra o trafico?

O exposto é um facto presenciado por bastantes testemunhas.

(*Parlamento*)

Cão intelligente. — Um jornal de Madrid conta o seguinte:

Teve lugar em um caso que prova o instinto dos cães.

Haverá cousa de dois mezes, que em frente d'uma botica, foi atropelado, por um carro, um cão que ficou com as pernas quebradas. O boticario teve dó do pobre animal, que reconheceu pertencia a um de seus vizinhos; e o recolheu para casa, onde o tratou com tanto cuidado, que algumas semanas depois estava o cão completamente curado.

Ha pouco o mesmo boticario, ouve á noite, antes de fechar a botica, os latidos de um cão. Saliu á porta para ver o que era, e viu o animal que dous mezes antes tinha curado, arrastando com a bocca para a frente da botica um cãesinho americano que tinha uma perna quebrada.

O cão que arrastava queria sem duvida entregar o seu semelhante enfermo, ao mesmo generoso homem de quem conservava tão boa recordação.

(Commercio do Porto)

— *Invento.* — O general inglez Shaw inventou uma especie de machina infernal para destruir os exercitos inimigos. Segundo a descripção della, oito homens podem causar tanto prejuizo como duzentos, com o auxilio da sua bateria de carabinas Enfiel. O *Advertiser* affirma que é um poderoso meio destructivo, sobretudo para a defesa de fortificações, e acrescenta que deixa de ser da mesma efficacia em campanha. Na India já muitos cypaes fizeram uso contra as tropas inglezas, com bom exito de uma semelhante machina, por muito mal acabada. (Parlamento)

— *Mais uma rasão.* — Lê-se n'um jornal estrangeiro, que se apresentou em Inglaterra ao ministerio da guerra uma nova arma, inventada pelo coronel Wood, que se corresponder ao que promete o inventor, substitue com grande vantagem o uso da artilheria nas hostilidades por terra.

Consiste n'uma serie de 48 canos de espingardas Minié, collocados em forma de leque n'uma carreta de pouco peso, que pode ser tirada facilmente por dois cavallos. A abertura do angulo é tal, que uma só descarga basta para desfazer um esquadrão. Carece unicamente de dois homens de serviço. Por meio de um machinismo engenhoso, podem disparar-se os canos a doze e doze, ou todos ao mesmo tempo.

Parece que esta invenção mereceu a approvação do duque de Cambridge, comandante general do exercito.

— *Tem mãos fígados.* — Um Marquez do baixo imperio, que brevemente, para nossa tranquillidade, nos deixa, consta-nos que dissera a alguém, que as unicas saudades que levaria da nossa terra, seria não ter morto, pelo menos, tres portuguezes!!! (O Futuro)

LOCAES.

— *O dia de finados.* — E' hoje o dia destinado pela Santa Madre Igreja para se

dirigirem preces ao Altissimo pelo eterno descanso das almas, que tem de expiar as suas culpas para poderem gozar a Face Divina livres de toda a impureza; e é por isso mesmo, que no dia d'hoje todas as familias se recordam com mais saudade, d'aquelles, que só poderão tornar a vêr, quando entrarem na vida eterna. Desde hontem a vespéras os sinos de todas as torres, de espaço a espaço, apregoam o termo da vida mundana, e pedem orações pelos finados.

Na igreja da misericordia, fez-se hontem o officio de vespéras. O sr. Faria Sampaio fez a oração funebre, e a proissão, como é de costume, sahio, visitando as igrejas, e cantando-se o responso em cada uma dellas.

Cereaes. — No mercado de sabbado passado regularam pelos preços seguintes:

Trigo (alqueire).....	1\$000	reis.
Centeio.....	440	«
Milho grosso branco.....	520	«
Dito amarello.....	500	«
Dito miúdo (ou alvaro).....	770	«
Feijão amarello.....	900	«
Dito branco.....	960	«
Dito vermelho.....	960	«
Dito rajado.....	830	«
Dito fradinho.....	500	«
Painso.....	600	«
Batatas.....	200	«
Azeite (Almude).....	4\$100	«
Vellas (arroba).....	3\$000	«

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

O MENSAGEIRO DAS DAMAS,

JORNAL DE MODAS.

Publicou-se o n.º 69 deste jornal contendo alem de escolhidos artigos, um figurino illuminado de fato para homem.

Este jornal publica-se todos os mezes

As assignaturas fazem-se enviando a sua importancia por meio d'uma cautella do seguro do correio dirigida ao Escriptorio da redacção rua da Patriarchal Queimada n.º 37 — 1.º andar em Lisboa.

Preços por 1 anno com estampilha 1\$560 rs.
Por 6 mezes..... « 780 «

REPORTORIO

OU

DIARIO LUNARIO EUROPEU

Para o anno de 1859.

COMPOSTO EM COIMBRA POR ANTONIO PEREIRA

unico successor do

BORDA D'AGUA.

Acham-se promptas as fôrmas deste acreditado reportorio.

As pessoas que quizerem fazer alguma encommenda podem dirigir-se a Antonio José da Silva Teixeira, Porto, largo do Laranjal n.º 4.

O CANCIONEIRO

DE

JOÃO DE LEMOS.

Com este titulo vamos publicar as composições lyricas do sr. J. de Lemos.

Compôr-se-ha o *Cancioneiro* de trez volumes — intitulado:

- 1.º Flores e Amores.
- 2.º Religião e Patria.
- 3.º Impressões e recordações.

Preço de cada volume, por assignatura 600
Avulso..... 1.000

Assigna-se em Lisboa nas lojas do costurae. Porto na livraria de Cruz Coutinho — Braga — Livraria de Silva Monteiro, rua de S. Lazaro n.º 11, A, Barreto, Rua do Souza n.º 21. — Guimarães A do Espirito Santo, Terreira da Misericordia.

ANNUNCIOS.

Antonio de Araujo da Praça de S. Thiago desta cidade, annuncia que sua mulher Francisca Maria, se acha falta do uso regular de suas faculdades, e porisso previne a todas os snrs. negociantes desta cidade, e mais pessoas, que não confiem della consa alguma, por quanto o annunciante não paga dividas algumas pela mesma sua mulher contrahidas.

(258)

Antonio d'Araujo.

Quem perdesse no Bom Jesus, suburbios de Braga no Domingo do Espirito Santo, uma capa de panno, dirija-se a Ant.º Moreira da freguezia de S. Verissimo de Lagares, concelho de Felgueiras que dando os signaes certos se lhe entregará. (526)

Vende-se um lindo Presepe, que está exposto na rua da Fonte Nova, casa n.º 19, quem o pertender, e quizer entrar em ajuste pode dirigir-se á mesma casa (523)

Quem quizer compramente de mato de ambas as qualidades, queira dirigir-se ás Lages a casa da sr. Custodio José da Silva Moreira, que será por commodo preço. (522)

No dia 7 do corrente, no tribunal Judicial, em S. Domingos, hade ter lugar a arrematação voluntaria da propriedade da casa nova, e pertenças, sita na freguezia de Ballazar, desta comarca. Quem a pertender pode comparecer no mesmo tribunal, pelas dez horas da manhã do referido dia [527]

GUIMARÃES.

Typ. Vimaranesense da Tesoura,
rua Nova do Muro n.º 48.